

## A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

**FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958**

**Junho de 2024 - Nº 625**

**Diretores - Antonio Marcello da Silva (\*1931-) - Pascoal Andreta (\*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (\*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (\*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 - )**

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTORES E OBRAS LIGADOS A MONTE SIÃO – CONVITE À LEITURA

**L. A. GENGHINI**

MANTOVANI, Osmar. Trama e Urdume. Itatiba: Pontes, 2024. (Tel 55 11 97255 6317)

MANTOVANI, Sebastião. O Tear e a Cidade. Itatiba: Berto Ed., 2006.

O Filho “do Filho de Monte Sião” Lança “Trama e Urdume” – História Com Amor!

De Monte Sião saiu Sebastião Mantovani e em Itatiba construiu sua vida, sua família e sua história, partindo do nada. Viveu plenamente e mostrou sua ciência de bom interiorano trabalhando na indústria têxtil, construindo carreira sindicalista e política, porém sua contribuição mais importante, além da família que teve, foi o registro de sua trajetória no contexto do desenvolvimento de Itatiba, no livro “O Tear e a Cidade”.

Como os frutos sempre caem ao redor da árvore, alguns anos depois, em 2024, seu filho Osmar Mantovani, inspirado pelos feitos do pai e encantado pelas histórias da mãe Lucília, resolveu, também, escrever um livro abrangendo a história dos imigrantes italianos, a tra-

jetória do pai, o casamento dos pais corajosos que se casaram e foram morar num quarto emprestado de uma cunhada até a consolidação profissional, econômica e financeira da jovem família.

Incrível como ao contar a história de pessoas que também contam e documentam as histórias do lugar, da sociedade e da evolução cultural e religiosa de um povo.

O livro de Osmar, “Trama e Urdume”, é um presente àqueles que gostam de saber de onde viemos e para onde vamos, porque os grupos sociais, as cidades e as nações se formam assim, com o somatório das contribuições de cada um, de cada família e de cada povo.

Ler “Trama e Urdume” é se sentir viajando no tempo. É chegar em qualquer porto, de qualquer navio, emigrando em busca de dias melhores, estabelecendo residência, participando profissionalmente, estudando, interagindo socialmente e construindo o futuro, nem sempre melhor do que o presente, mas sempre desafiador, rumo ao desco-

nhecido, como uma fera, um dragão, um pesadelo do qual não conseguimos fugir e que fatalmente temos que enfrentar.

Osmar e sua mãe Lucília, com toda a simplicidade possível, nos contam a história e a ilustram com fotos de época, a fim de assegurar que nossas aventuras hipotéticas, já que nos tornamos companheiros de viagem, possam ser seguras, lúdicas e esclarecedoras.

Ler “Trama e Urdume” pede e recomenda a releitura de “O Tear e a Cidade” porque ambos se completam. Eis porque o autor cuidou do próprio livro e da reimpressão de “O Tear e a Cidade”, de seu pai.

Boa, Osmar! Não dê descanso à caneta, convoque a D. Lucília a contar mais histórias e nos presenteie com mais livros. Bravíssimo!!!

ZAMUNER, José Alaércio. Um Ponto Azul no Espaço – Poemas. São Paulo: Edições Archangelus, 2024. ISBN: 978-85-85059-97-2 – (alaercio@uol.com.br)

Li o novo livro do Zamuner, “Um Ponto Azul no Espaço - Poemas” em

algumas viagens a bordo do Metrô de São Paulo, Linha Azul, do Tucuruvi ao Paraíso, sentado lateralmente na poltrona azul para idosos, embalado pelo sacolejar dos trens, no ritmo de colocação de vírgulas imaginárias nos textos densos e soltos que voam soltos no pouso-no-ar do Colibri a sugar o néctar da flor, até o encantador mundo das fantasias e de mitos de antanho, indo à exploração do inesgotável e poderoso Universo.

Os poemas do Zamuner são ecléticos, cheios de feitiços, milagres e reviravoltas porque universalizam a existência e põem no mesmo balaio as impressões caipiras de sua origem na real-imaginária Cantare, as benesses e as mazelas do desenvolvimento humano ao desbravar caminhos, estradas, serras e mares num tom inconcluso que leva o leitor a concluir, conforme seu contexto, seu momento e seu entendimento da arte.

À medida em que a viagem avança, de estação em estação, minha mente e minha alma devaneiam ao ritmo dos poemas do Alaércio e, de repente, o vagão do metrô, lotado de seres -humanos que rumam ao ganhar-o-pão se torna uma

feita junina ao som da dança de São Gonçalo do Amarante, o casamenteiro das velhas, enquanto um toque mágico, saído de outro poema, me convida a descer a “Anchieta” registrando sua grandeza e seus contrastes.

Ler José Alaércio Zamuner não é fácil, porque do alto de sua erudição o autor desafia o leitor a conhecer e a aproveitar nuances que de modo resiliente e fagueiro permitem diversas percepções, vários mergulhos e infinitas possibilidades. É uma leitura difícil, porém compensadora, onde o autor nos induz conhecer um pouco de sua e da nossa alma. Obrigado, Zamuner! Que Deus continue te abençoando e inspirando. Vida longa!

ZAMUNER, J. A. Crônicas Monte-Sionenses: chão e estrelas. São Paulo: Desenvolver, 2019.

Hoje de manhã (18/06/2024), no metrô, ao abrir o “Crônicas Monte-Sionenses: Chão e Estrelas” do J. A. Zamuner, dei de cara com o prefácio, escrito por Ivan Mariano Silva, que, deliciosamente, reescreve as crônicas e os ícones que estão por vir desfilando nas páginas seguintes.

Aumentei a minha con-

centração e, de repente, aquilo tudo era paisagem interiorana enquanto eu prozeava animadamente com Ivan, mais ouvindo do que falando, deixando escapar sorrisos provocados pela matreirice e pela nossa tagarelice.

O Ivan fluava pelo vagão cheio do metrô e tecia comentários, fazia alusões e ria livremente dos hábitos dos paulistanos a caminho do trabalho, numa manhã de inverno.

Nem num vi as duas páginas de prosa com o Ivan terminando, quando encontrei o Zamuner, o prefaciado, contando seus causos e suas crônicas, sempre comprometido com as origens, declamando em prosas e versos a sua querida Cantare, aos pés do Morro Pelado, seus familiares e seus amigos de Monte Sião, sempre envoltos em fantasias, misssstérios e a mais dura realidade.

O sistema de som do metrô anunciou o fim da viagem, todos se mexiam novamente conforme seus sentidos, meus interlocutores sumiram pela penumbra e me vi encarando o mundo de meu Deus, com um livro aberto nas mãos.

Até qualquer hora, pessoal!

## CRÔNICAS DA MINHA GENTE

### PARA QUE NÃO FIQUE NO ESQUECIMENTO

**IVAN**

Tá bom, tá bom! Já sei que você ama esta nossa terrinha ingênua e singular. Mas não precisa ficar matraqueando, repetindo a toda hora. Chega! Você ama Monte Sião e pronto. Entupa, como dizíamos, os antigos. Só que tem uma coisa: você amaria muito mais se tivesse vivido momentos que se evanesceram melancolicamente, para depois, num tapa, sumirem sem se despedir.

O senhor aí, por exemplo, nunca provou do gesto de arrastar duas cadeiras para a calçada da sua casa, uma para o senhor mesmo, outra para o vizinho tomar a fresca e falar do calor fora de hora e da carestia que sobe e não desce, enquanto a patroa, de avental e chinelo, prepara a minestrada e fumarenta que o Cid tomava misturada com torradinha quebrada na palma da mão. Como era vetado e proibido o uso de guardanapo, mesmo porque era para gente enjoada, porque limpar a boca na manga da camisa era conduta educada e de gente de fino trato.

O senhor, também, que me escuta, certamente jamais se deliciou com o pudim de coco do Jacó ou o de leite do Pedro Galbiati, nem com o picolé de groselha do Ciro, que a gen-

te chupava até ficar só o branco do gelo; não experimentou a boca-aberta do Tônico, nem do biju lambuzado de banha da Cinirda, nem da feta de abacaxi do marido dela, o Vito Ciaffa, cheia de olhos causadores de aftas doloridas, porém suportáveis, pois os olhos, compreendiam-se, eram medida econômica – não diminuía a feta, aumentavam o lucro.

Aquele outro distinto, é, o senhor mesmo que está rindo desta narrativa, achando tudo bobagem, como se não soubesse onde se encontra o sabor da vida, o distinto, repito, nunca foi ao circo Irmãos Martins, onde a Miss Menininha cantava “A sapinha da lagoa”, com as pernas escandalosamente de fora, numa delas uma pinta roxa, que fez diversos espectadores virar cambota com mais ligeireza que os acrobatas que andavam no fio e saltavam na gangorra. Muito menos ouviu o sexteto retirado da Banda Velha expelindo polca, xotes, mazurcas e valsas de acordo com o momento do espetáculo. Passar por baixo do pano, então, nem pensar. O senhor jamais terá a coragem que a necessidade obriga a ter e, se está aí me debochando, nem criança foi. O senhor, isso eu garanto, agora mesmo choraria

se pudesse se lembrar de quando Miss Menininha cantava “A sapinha da Lagoa namorou o peixe-boi, foi ou não foi, foi ou não foi”, o gentil-homem, de terno branco, sapato preto de verniz, gravata azul com alfinete de pérola, respondia entusiasmado: “Foi sim, claro que foi, mas nem não foi”, e Miss Menininha sorria sorrisos promissores, enquanto sua pinta na coxa, remexendo-se ao ritmo da música, sugeria pedidos inconfessáveis.

E o senhor aí, quietão, parece não acreditar nessas venturas. Penso que jamais arrematou um frango caipira assado em forno a lenha. O frango vinha na posição de lei, de costas e com as duas pernas erguidas, sem os pés e cabeça, costurado no fiofó para não escapar o recheio de farofa de miúdos, bronzeado como que chegado da praia, lavorando cheiro tenro de menina na primeira comunhão. Abrigado na barraca, o senhor poderia destrinchar o frango ali mesmo, comer com a mão, desculpe, pois não havia talher. A gordura nos dedos o senhor limparia com papel de embrulhar pão, o mesmo pão que acompanhava o frango e de graça. No cartucho de papel colorido, franzido, com borlas e babados, o senhor encontraria tesouros fei-

tos no tacho: doce de leite, abóbora, cidra, batata-doce, batata-roxa, banana, além de cajuzinho, pacotinho de amendoim torrado, sequilho, bombocado, cocada, palito, creme e todas as gulhas existentes nesta Vila que era Monte Sião.

Os senhores todos, a quem tive a honra e paciência de explicar os valores da vida, certamente acharão que o bonito e o bom é essa excrescência que chamam de pavilhão, bem no meio da Praça, desfigurando-a, tirando a vida do Jardim, numa promiscuidade de mau gosto capaz de enraivecer até a um monge cego, misturando plástico com cipreste, berreiro com o murmúrio da água da fonte, cadeiras com os bancos de cimento, carcomidos pela saudade; trocando as conversas mais inocentes pelas mentiras bem contadas nos televisores instalados para informar o aumento de estupro, homicídios, acidentes fatais no feriadão, queda na Bolsa, Big Brother, cotação do dólar, pesquisa eleitoral, tudo enquanto uma infeliz dupla canta sem ser ouvida. A cobertura da Praça é como uma senhora já pas-sadona, que se veste com casaco de pele sintética de onça, echarpe de seda, calça moletom, sapato de salto alto, caminhando arrogantemente pelas areias da praia. Ah, não tem jeito; se o senhor lá tivesse vivido e se aproveitado dos modos daquela gente, você amaria muito mais sua cidade. Muito mais. Amor de doer. Eu garanto. Jamais trocaria o quarto de leitoa pelo que-techupe ou a tenda de plástico pela barraca acolhedo-

ra... a não ser que o senhor também seja sintético, reciclável ou não.

Sua alma seca, meu senhor, viçaria em brotos tenros caso tivesse vivido aquelas pequenas felicidades. Mas sempre é tempo: vá ao Largo do Jardim, e do banco de Ramalho & Zuccon ou do João Gottardello ou do Antonio Zanchetta ou João do Mariano Silva, mesmo que brutalmente

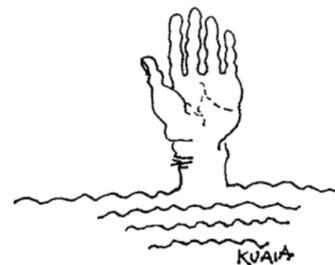
arrancados de seus lugares, assista ao sol, pé ante pé, esconder-se atrás do Pelado, brincando de fazer noite.

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020*

## INUNDAÇÃO

diz-me  
o teórico físico  
que o tempo inexistente  
mas o tempo passa  
em frente à casa  
e arrasta carros  
pessoas cachorros  
e gatos

o tempo avoluma  
com o tempo aumenta  
e inunda a casa  
engole os quartos  
o banheiro e a sala



penso que também  
desapareço  
pois hoje ao espelho  
quando me olhei  
não me vi.

**Kuaia**

## MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 69

ISMAEL RIELI

As Árvores do Quintal da Minha Infância.

Eram robustas, altas, viçosas, troncudas, esbeltas, companheiras; diferentes das enxertadas de hoje em dia, em geral baixas. As minhas árvores eram caipiras, eram espigadas e fortes com caules grossos, de grande estatura.

A predileta, a mais querida era a enorme goiabeira com seus 5 ou 6 metros de altura. Um de seus galhos, longo e resistente era o nosso balanço que descia e subia. Não importava que não desse muitos frutos: era nossa amiga, nossa companheira. Creio que era maior do que a da inclita senadora Damares – vivíamos subindo nela, mas nunca encontramos Cristo no seu longo galho – balanço.

O limoeiro ficava bem perto da goiabeira na ponta de um muro de pedra, perto de “os vidros”, local reservado para os cacos de vidro. Nunca mais vi um limoeiro igual ao meu: tinha um caule espesso e longo, uns 3 metros, e só soltava galhos lá em cima. Na parte baixa do tronco instalei meu caminhãozinho. Uma escumadeira espetada nele era a direção; o breque, a embreagem e o acelerador ficavam na parte alta do muro. Sim, o limoeiro vivia no muro, numa nesga de terra. Produzia pouco, uns limões pareci-

dos com os sicilianos. Quanta saudade do meu querido limoeiro.

A limeira rodada tinha muitos galhos e era o poleiro das galinhas que, na boca da noite, nela se aboletavam.

As galinhas se aliam de dia e de noite sujavam as limas doces que não chupávamos. A frondosa limeira ficava logo abaixo da bica: um cano de 4 a 5 polegadas de água cristalina que chegava ao nosso quintal por regos ao ar livre. A bica ficava a uns 30m da cozinha. Não tínhamos água dentro de casa, de vez em quando a bica secava por uma vaca ter defecado na tirada d'água ou porque no percurso aparecia um formigueiro, um sumidouro que engolia toda a água. Para atravessar o formigueiro instalávamos bambus com os nós retirados. Borracha naquele então era manga de colete.

A mangueira centenária ficava no meio do curral. Frondosa, enorme. Para abarcá-la eram necessários 2 homens. Nossa exuberante mangueira espada não dava mangas. Só algumas, poucas num de seus inúmeros galhos. Quando o biquinho amarelava, com taquara, colhiamo-las para comer com sal. Como uma perna cheia de varizes, a nossa mangueira exibia ao seu redor raízes expostas, grossas, longas que se espriavam curral a fora.

Os galhos nasciam do

robusto tronco de mais de 2 metros de altura.

Um dia subi nesse caule e, de repente, percebi que passava mal, com tontura, medo. Destampeei um berreiro. Acudiu-me meu irmão Zezé. Arrumou uma escada, ajeitou-me no cangote e me resgata. Meu irmão, meu São Cristóvão. Tinha e tenho medo de alturas. Dizia-se que cortes a machadadas no tronco era bom pra mangueira dar manga. Meu pai, todo ano, golpeava-lhe o tronco, mas quãoquê, ela era maninha mesmo, preguiçosa, meio estéril.

Um pouco abaixo da mangueira, dentro do curral também, estava a mexeriqueira de porte médio, com frutos doces de casca fina.

Bem alta, ao lado do rancho que acolhia a charrete e só a cabina do Chevrolet Boca de Sapo do meu irmão Claudio, ao lado da tulha onde morou Tia Meminha quando veio das Lavras de Cima, a laranjeira comum, ponto de paragem de nuvens de canários da terra, amarelinhos.

Ao lado da bica, atrás do limeira, plantamos uma muda de bambu gigante amarelo, que em pouco tempo, medrou talmente que virou um bambuzal compacto frequentado por bandos de passarinhos.

No terreiro da frente onde, ruminantes, as vacas dormiam, não havia árvores, mas em

junho surgiam 3 delas, sem raízes, plantadas em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro, enfeitadas com cipó de São João e espigas de milho ao lado do mastro com os três santos comprados no bazar do Tio Peri.

Todos deviam socar três vezes o pau do mastro em cujo buraco se punha um ovo pra trazer sorte e prosperidade.

Na lateral esquerda do terreiro da sala, um taboal em cuja borda vicejavam um pé de cambuí, outro de araticum.

Essas eram as minhas árvores queridas e inesquecíveis.

Onde estão os que participavam da festa de São Pedro no nosso terreirão:

- Meu Pai, meu Avô, minha Mãe, meu irmão Claudio, minha irmã Lidinha, Angelino Preto, Angelino da Fé, Serafim Parreira, Maria do Serafim?

É como diz mestre Manuel Bandeira.

Quando eu tinha seis anos

Não pude ver o fim da festa de São João

Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo

Minha avó

Meu avô

Totônio Rodrigues

Tomásia

Rosa

- Estão todos dormindo

Estão todos deitados

Dormindo

Profundamente.

X X X

Uma dúzia de quadrinhas

Nesse lembrar e esquecer

Assisto a vida rolar:

Se lembro quero esquecer,

Se esqueço quero lembrar.

Filemon L. Amador

Saudades de alguém ausente

Devem ser tristes, por certo;

Mas são mais tristes se a gente

As tem de alguém que está perto...

Reis Bittencourt.

Em moço vivi cantando

Saudades que fiz a êsmo.

Em velho vivo chorando

Com saudades de mim mesmo.

Junquillo Lourival

Quando um velho e uma criança

Encontro, logo me invade

Esta ideia: uma esperança

Dando a mão a uma saudade.

Oscar Baptista

Guardo esta amarga impressão:

Depois de tanto viver,

Só hoje vejo a extensão

Do que deixei de fazer...

Batista Nunes

Saudade... sombra, fantasma,

Coisa que bem não se explica:

- Algo de nós, que alguém leva...

- Algo de alguém, que nos fica...

Soares da Cunha

Cada palavra relida Da carta que alguém nos fez.

É um pedacinho da vida

Que a gente vive outra vez.

Augusta Campos

Esta vida, a que me exponho,

É uma agiota de verdade:

Se empresta um pouco de sonho,

Que juros cobra em saudade!...

Adelino Moreira

A gente quando mais ama,

Mais sofre, soluça e chora.

Pois o amor é como a chama:

- Crepita, queima e devora!

Juvenal Marques

Quando chegas sorridente

Eu choro em vez de sorrir...

É que, no instante em que chegas,

Só penso que vais partir...

Ciro Vieira da Cunha

Ah! Que pesar me consome!

Eu sozinho e tu a sós...

Formemos um só pronome

Do “eu” e “tu” – façamos “nós”.

Antônio Sales

Duas coisas neste mundo

Podemos contar a dedo:

Livro que volta a seu dono,

Mulher que guarda segredo!

Albertina Carvalho

Cresceu em mim certa imobilidade,

pousou sobre meu peito salvadora inquietação.



“MARIPOSA”  
FLAVIA

## HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL BENEDITO DORTA DE SOUZA

DIRETORIA DE ENSINO

A escola foi criada em 18 de fevereiro de 1945, quando recebeu a denominação de Dom Otávio Chagas, localizada no Bairro da Batinga, neste município; em 18 de fevereiro de 1948, recebeu a denominação de Padre Cocoresi e em 24 de fevereiro de 1964, passou a ser chamada “Benedito Dorta de Souza”.

Foi transformada em uma escola estadual em 09 de maio de 1968, com a denominação de Escolas Combinadas “Benedito Dorta de Souza”. Em 09 de março de 1985, recebeu autorização para mudança do Bairro da Batinga para o Bairro Mococa, no mesmo município. Em 22 de maio de 1985 recebeu a classificação tipo-

lógica de E.E. “Benedito Dorta de Souza”

três chapas que concorreram ao pleito. A chapa eleita com mais votos fica à frente da administração da instituição pelo período de dois anos (2023-2024).

Atualmente a escola atende alunos do 1º até o 9º ano do Ensino Fundamental, em período matutino e vespertino, somando um total aproximado de 290 crianças e adolescentes matriculados. O corpo docente é composto por 31 profissionais; enquanto o gestor e administrativo conta com 8 membros e 7 colaboradores na área de serviços gerais.

Essa história consta em documentos oficiais da escola e foi redigida pela senhora Michele Cristina Balestra, atual vice-diretora neste estabelecimento de ensino.

**MECÂNICA NETOS**  
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (PRAINHA)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automotivístico

**DELTA FOTO**

Material Escolar e para Escritório  
Suplementos para Informática  
Cartuchos compatíveis e remanufaturados  
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA  
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

**35 3465-3124**

PAPELARIA  
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE DA LICINHA**

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

## SÉTIMA SINFONIA EM SI MESMO

MATHEUS ZUCATO

*Pois a sua ira só dura um instante (...), o choro pode persistir uma noite, mas de manhã irrompe a alegria.*  
— Salmos 30.6

Rápido, mas não muito, um homem procura o seu próprio tom e termina encontrando o mistério insosso da vida. Recai sobre ele todos os males de se estar solitariamente acompanhado. Um homem constrói um castelo com pedras de vento que sopradas irão pairar e atingir os corações dos desavisados. Um homem medita entre a confusão sóbria, urra como ursos famintos, deleita-se das águas claras do céu, recebe as imagens de uma e de outra morte. Um homem vive muitas mortes, todas, e nenhuma, e insiste em permanecer vivo. Um homem mastiga com a boca fechada um ninho de marimbondos a lhe ferroarem a alma. Um homem sonha que era um homem que sonha que é um homem que sonha que não era ninguém. É como os versos de Jó: [um homem]

*vive pouco tempo e é cheio de misérias. É como a flor que germina e logo fenecer, uma sombra que foge sem parar.*

A canção noturna toca notas escondidas da luz. Há uma marcha militar estranha e lenta que conduz um homem ao equilíbrio inexato da paixão. Há uma ronda noturna que é feita para a apreensão dos ladrões da felicidade, mas um homem percebe que não há na noite nenhum ladrão além dele mesmo. É assim, numa alegria moderada, que a felicidade é encontrada a pairar como fantasmas vestidos de lençóis limpos. Toda grande alegria ferve um pouco de tristeza. É que de olhos fechados um homem realmente não vê muito bem.

Fantasmagóricos, fluidos, mas não rápidos, são os prazeres de beijos que não deveriam existir. Há uma desfiguração do ritmo da valsa do coração quando a atmosfera da realidade relaxa demais as rédeas e os cavalos fantásticos dos sonhos marcham em dissonância, desgovernam, conduzem o car-

ro sem freio em direção a um muro feito de mentiras. Todo o clímax desse romance é executado com tal violência que já não se exige mais perfeição, mas a simples execução do ato em si.

Eis um homem, o mesmo. A segunda vez de tudo é mais inédita que a primeira vez de tudo. Na reincidência, a mesma canção noturna é esperada por quem antes já a ouviu. E quão desastroso é reexecutar com imperfeição um ato de amor. A perfeição acompanha todo ineditismo, pois é criação. Toda criação é perfeita. Toda repetição falha miseravelmente, pois perdeu o encanto da primeira vez. E, no entanto, é nas infinitas repetições das coisas que se encontra o equilíbrio, impossível de existir num ato original. Toda originalidade é incerteza disfarçada de ato finito, completo. Eis um homem. Eis o primeiro homem, que é perfeito, mas sofre em desarmonia.

Toda reconciliação requer luta contra si mesmo. Toda luta contra si mes-

mo requer humildade, e termina com uma bênção e uma mudança de identidade. Era uma vez um homem que era dois. Fosse pela circunstância ou por opção, respirava por dois, dormia por nenhum, trabalhava por dois, comia por dois. Não se tratava de dois indivíduos, mas de um que era dois. Ele e ele mesmo. E nenhum deles era, em substância, o próprio homem, exatamente pela falta de exatidão de que sofria. Percebeu, por fim, em si um outro. Como num grande espetáculo, tentou ser três. Quando conseguiu ser cinco, já queria ser oito, e treze, e vinte e um. Criou um grupo só para si. Fez-se orquestra e compôs uma sinfonia surda. Para o conjunto de homens, não importava quem fosse ouvir, pois a plateia era feita toda deles mesmos. Ouvidos que tinham a sua escuta. Era uma vez um homem que era todos os Homens de todos os homens. Rápido, mas não muito, um homem procura o seu próprio tom e termina encontrando ninguém. E, assim, é feliz.

## O BAIÃO É SEU, MARCELINHO!!!

Ele era um mestiço Campolina  
Quarto de milha com uma pelagem rara  
Baio cabo-negro e uma bonita crina  
E um grande rabo que quase ao chão se ampara

Enquanto um dia seu Joaquim proseava  
Sorratamente fui de encontro ao potranco  
Nem Joaquim nem mamãe e nem papai imaginava  
Quando engarapei no danado que saiu aos trancos

Moleque esperto no cavalo deu um repasso  
Cavalgou mansamente sem arreamento  
Subiu no baio como se desse um forte abraço  
E para ele foi emoção e grande contentamento

Mas quando perceberam a minha traquinagem  
Foi aí que a porca torceu o rabo  
Todos os três não acreditavam na molecagem  
E foi papai quem mais ficou bravo

Minhas orelhas ficaram numa só vermelhidão  
O sr. Joaquim tentou a cena contornar  
Papai ficou bravo como se fosse um cão  
Mas eu mesmo molestado consegui no baio cavalgar

E não foi que o moleque o baio queria comprar  
Seu Joaquim nada disse naquele momento  
Pois dali alguns dias ele iria se mudar  
E para o menino o caso se tornou um tormento

E no outro dia seu Joaquim veio com o filho  
Montado em outro animal e o baio ao lado  
Meus olhos se iluminaram com um forte brilho  
Quando o bonito baio na grama foi soltado

Eu que estava constipado de pronto sarei  
Quando papai e mamãe disseram – O Baião é seu  
[Marcelinho]  
Não cabendo de alegria o cavalo eu abracei  
E por 10 anos foi o meu querido cavalinho

(Lendo emotivamente a crônica de Marcelo Labigalini, no *Jornal Monte Sião*, edição nº 619, janeiro de 2024).

Arlindo Bellini

## O RIDICO E O LAMBRECADO

VALDO RESENDE

O cérebro, que descolhe os limites do ir e vir, leva-nos para muito além do espaço e do tempo e, para isso, enche nossas noites de sonhos. Nos tempos de reclusão imposta ao corpo dei de sonhar com gentes da minha infância, cenários já desfeitos por reformas e mudanças. É incrível a quantidade de imagens reservadas na tal massa cinzenta e que, imprevisíveis, brotaram sabe-se lá por qual motivo naquelas noites pandêmicas. Eu que não vou tirar emprego dos discípulos de Freud. Ocorre que, lembrando ao acordar de tais sonhos, com esses emergiram palavras lá das profundezas das memórias. Algumas voltei a usar.

“Me lambrequi todo!” Disse irritado após um acidente na cozinha quando, tentando socorrer uma tampa que caía, deixei uma vasilha cheia de gororobas sujar minha barrega, minhas pernas, o chão. “O que aconteceu?” Acudiu-me o Flávio e eu, irritado: “Tô todo lambrecado!”. Ele riu, já meio que habituado às estranhas palavras que passei a usar. “Você inventou essa palavra”, disse o paulista do ABC. Claro que não, lá em Minas, na infância, a gente usava direto. Lambreca, lambança, lambuzado... E a memória se fez presente.

Um dia deixaram Walcenis, minha irmã, tomando conta dos sobrinhos. Dois, três? Com certeza, dois sobrinhos e nosso irmão caçula. Logo, no mínimo três crianças. Lá pelas tantas uma delas encheu as fraldas no que resultou na plenitude da

palavra em questão: “Ela ficou toda lambrecada de merda!” Eram sobrinhos, minha irmã não tinha traquejo nem a sina das mães em resolver tal problema e o jeito foi apelar pedindo socorro à D. Doralva, uma nossa vizinha que prontamente deu banho na criança deixando-a feliz e aliviada.

Antes de entrar na segunda palavra do título, ridico, cabe uma digressão. Eu já pesei 55kg! Em priscas eras, com 1,84m eu era muito magrelo. Foi marcante um dia ligar para Uberaba e dizer para minha mãe: “- Estou pesando 56kg!” Ela festejou e o tempo passou. Corre por aí que com a idade a gente engorda um quilo por ano. Somou-se à idade comilanças durante a pandemia e... me descobri com 96kg. E assim constatei que lá se foram uns 42kg, ops, anos de quando liguei para Dona Laura.

96kg não seriam problemas se a distribuição desses não fosse tão cruel. Certamente, de todo o peso adquirido em recentes anos a maior parte está concentrada na pança (palavra adequada para a atual situação). A gente segue a vida, de bermuda e camiseta, até o momento em que se faz necessário usar uma calça comprida e... uma, duas, três, quatro calças destinadas para doação por excesso de cintura do dono. Bora retomar antigos hábitos e assumir um regime. E foi assim que o ridico se manifestou.

Hora da refeição peço ao Flávio (ele, de novo!) para abastecer meu prato. O dito cujo come feito um passarinho e eu, justifican-

do meu apelido palmeirense, encho o prato feito um porco. Ao pedir ao jovem esguio e equilibrado para me servir sei, por experiência de vida, que ele naturalmente diminuirá as minhas porções de refeição. Entusiasmado com a função ele, ao invés de uma colher de arroz, por exemplo, passou a me servir meia colher. “Ridico!”

O embate estabelecido entre a gula e o comedimento resultou no conflito exposto com a palavra vinda lá da infância: Ridico. Ele riu e corrigiu: “- Ridículo?” Insisti: “Não, ridico mesmo, você está ridicando comida!”. Nova acusação de estar inventando palavra e, confesso, a dúvida bateu. Será que existe “ridico” ou só a gente falava assim? Antes de ir ao dicionário apelei para o argumento de “autoridade”: “nós mineiros falamos assim”. E o cara me olhou com aquela expressão de “tá inventando coisa”. Pois bem, está lá no dicionário, bem claro. Ridico: avaro, sovinha, mesquinho. Ele sorriu com a definição e sentenciou: “Você que pediu!”.

E assim estou eu, tentando comer menos e evitando me lambrecar. Poderia terminar falando do incrível universo dos sonhos que, de quebra, levam-nos a lembrança de palavras e expressões tão antigas quanto nossa memória. Prefiro reclamar: Estou com saudade de um bom pedaço de pudim, mas o ridico – exímio chef de pudins – disse que engordarei quatro kg com a iguaria. Só uma pequena porção por dia. Vida difícil!

### FUNDAÇÃO CULTURAL “PASCOAL ANDRETA”

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984  
Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004  
Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/ DOU 15/02/2012  
Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732  
Rua da Saudade, 115 – Monte Sião – MG  
CGC 17.414.632/0001-02



### EDITAL DE CONVOCAÇÃO – 1ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2024

O Presidente da Fundação Cultural “Pascoal Andreta”, Engº José Ayrtton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2024 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 18:00h (dezoito horas) do dia 15 de agosto de 2024**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- Leitura e aprovação da Ata da 2ª Assembleia Geral Ordinária de 2023;
- Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2024, (Registro das atividades Culturais);
- Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2024 – Subvenção da Prefeitura; Emendas Impositivas da Câmara; repasse do SIUCREDI e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.
- Tratar das doações recebidas em 2024, Receitas da Bilheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.
- Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- Agradecimento aos colaboradores
- Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(\*) Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 13 de 07 de 2024

JOSÉ AYRTTON LABEGALINI  
Presidente da Fundação Cultural “Pascoal Andreta”

**SUPERMERCADO SHIMODA**  
Onde seu dinheiro compra mais  
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes  
**Oliveira**  
A melhor carne da região!  
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000  
(35) 3465 1817 / 3465 2109

**MAZA**  
ALINHAMENTO E  
BALANCEAMENTO DE RODAS,  
ESCAPAMENTOS,  
AMORTECEDORES, BATERIAS  
**PNEUS**  
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38  
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

## SEGUIR PRINCÍPIOS MILENARES SEMPRE LEVAM A BONS DESTINOS

LEONARDO LABEGALINI

No último encontro entre Téo e o Líder Inspirador, ele sugeriu ao jovem que investisse em aprender sobre como aplicar o mapeamento comportamental nas empresas e nas pessoas. Segundo o Líder Inspirador, essa metodologia “acende uma lâmpada” na vida das pessoas e as ajuda a encontrarem direcionamentos de vida e carreira de acordo com seu perfil. Com isso em mente, Téo marcou um encontro com

Matheus, o profissional que realizou o seu mapeamento e o ajudou no processo de autoconhecimento.

— Sabe, Matheus — Téo iniciou a conversa — com tudo que aprendi, sinto que minha carreira será mais prazerosa se eu a direcionar para o desenvolvimento humano. Gostaria de levar essa metodologia adiante e ajudar pessoas e empresas no seu desenvolvimento.

Matheus não esperava por essa. Ele olhou fixamente para Téo, enquanto pensamentos a mil passavam

por sua mente. Uma nova porta estava se abrindo bem à sua frente — a de ter seu primeiro aluno. Esses segundos de silêncio levantaram um grande ponto de interrogação na mente de Téo e, enquanto o garçom servia o pedaço de torta de chocolate que ele havia pedido, Téo até esqueceu de agradecer pelo atendimento.

— Téo, que notícia maravilhosa você está compartilhando agora! Eu estarei iniciando nas próximas semanas meu projeto de formação de Analistas Com-

portamentais e ficarei muito contente se você for meu aluno.

Era impossível esconder o brilho nos olhos de Téo. Uma realidade que parecia tão distante agora tinha data para começar e um diploma à espera.

— Matheus, pode contar comigo. Estarei na formação e quero me tornar um Analista Comportamental. Mas só tenho uma dúvida: você pode me explicar mais detalhadamente como eu ajudaria as pessoas e as empresas com meu serviço? Eu fiz o método, sei o quanto é enriquecedor, mas não sei explicar de forma simples para que as pessoas entendam.

— Claro, Téo. Eu ensino isso na formação, mas vou te falar agora porque sei o quanto é importante para você ter mais detalhes para tomar decisões.

— Como você sabe disso? — perguntou Téo, surpreso.

— Pelo seu perfil! Se eu sei seu perfil, consigo saber

como me comunicar com você e também as suas necessidades.

— Perfeito, faz todo sentido!

— Então vamos lá, Téo. Você, como Analista Comportamental, ajudará as pessoas e as empresas a transformar todo o potencial escondido em um desempenho notável, resultando em inúmeras conquistas. Sei que falar sobre potencial pode parecer vago e não ser tão claro, afinal, não aprendemos isso na escola. Por isso, embarcamos em uma jornada de autoconhecimento. Não existe desenvolvimento sem autoconhecimento. Primeiro, identificamos as principais características das pessoas: como se comunicam, tomam decisões e lidam com desafios, através de uma leitura completa e exclusiva do perfil comportamental. A partir daí, vamos revelar as suas melhores qualidades e entender como aplicá-las no dia a dia, promovendo maior satisfação pessoal e profissional. Finalizaremos

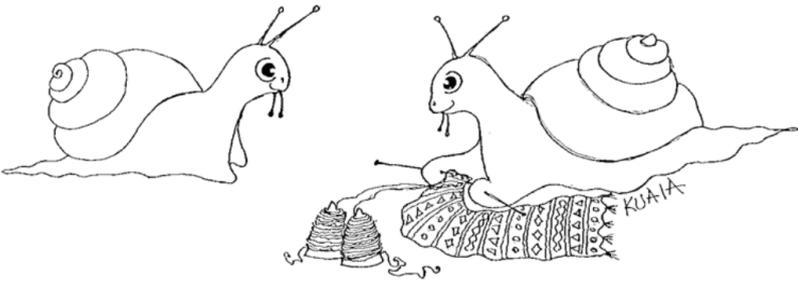
esse processo ajudando-as a alinhar suas escolhas profissionais com seus valores e necessidades pessoais, promovendo uma carreira mais satisfatória e alinhada com seu verdadeiro potencial.

— Muito bom, Matheus, ficou bem mais claro agora! Estou muito entusiasmado em começar e conseguir promover isso na cidade.

— Vamos juntos, Téo! Tenho certeza de que será um grande passo na sua carreira.

Téo fez questão de pagar a conta da cafeteria. Para comemorar, comeu até mais um pedaço da torta de chocolate antes de ir embora. Estar com as pessoas certas e seguir caminhos de altruísmo são princípios milenares que, ao serem seguidos, levam a um destino — a prosperidade.

Téo não tinha consciência disso, mas seu coração sabia e o impulsionava nessa direção. Ele não via a hora de reencontrar o Líder Inspirador e contar a grande novidade



- E aí, Lurde, como tá a vida?  
- Devagar, Zelda.

## REY QUEXOTO – O CORETO – A INAUGURAÇÃO

DURVAL TAVARES

Ciao.

Enfim, em duas folhas de papel almaço escondidas no fundo do balaio do Rey Quexoto, encontrei um texto com detalhes do que fora a inauguração do coreto de Manguá. Fiz alguns cortes para que não ocupasse muito espaço no jornal. O resultado pode não ter ficado tão bom, mas não ficou ruim.

“Ciente de que era necessário e urgente oferecer entretenimento ao povo da cidade e vizinhança, nonno Parmiro de modo célere selecionou músicos regionais para a banda do coreto. Aquela obra sem nenhuma utilidade começava a causar certa inquietação na cidade. Afinal, nela foram empregados recursos públicos provenientes dos impostos “impostos” a cada cidadão.

Após dias de ensaio, estava tudo pronto para a primeira apresentação em público, para a inauguração do coreto. Parte da banda formada e nomeada Manguacinos estava assim composta: Parmiro, o maestro batuta; Ema um encanto de cantora; a dupla de viola Manga e Mengo do interior de Goiás (a maioria vem de lá); Setuba (pronúncia de Setúbal), um idoso tocador de tuba da longínqua Araçatuba; Orvalho e Sereno, na flauta e no trompete, um de Orvalho/MG e outro de Bofete/SP; o saxofone seria tocado por ninguém mais, ninguém menos, que Dom Corleone, um açougueiro de meia idade recém chegado na cidade; na sanfona a Dona, assim conhecida a italiana vendedora de pamonha, Girona; o jovem Nihonjin Y-Irio, de Piri-piri-Pirituba (às vezes gaguejava), mestre no clarim, clarinete, flauta, cotonete (ops) trompete, saxofone, trombone, tuba, gaita e em quase todos os instrumentos de sopro; por fim, Jandira foi escolhida a mestre de cerimônia.

Acertada com o prefeito Anarcon Mício e com o maestro, a inauguração foi agendada e, para encurtar a conversa, no dia marcado, às cinco da tarde, teve início a solene solenidade. Com a Manguaça apinhada de gente (exagero por minha conta) em trajes de missa, subiu ao palco do coreto, ao som da música “Dona Jandira”, de Zico e Zeca, interpretada pela dupla de viola, ela, isso mesmo: Dona Jandira (D.J.). Efusivamente aplaudida de pé pela multidão (em Manguaça não havia e não há bancos para todos), incontinenti convidou para subir ao palco, sob aplausos, o maestro Parmino e sua banda Manguacinos. Em seguida, aos gritos de “fora, fora!” o Prefeito ConMício (o Anarcon Mício) caminhava para dar início ao comício de inauguração. Os apupos ouvidos eram dirigidos ao Arnesto, vereador com pelo no coração\* que, sem ter sido convidado, de penetra subiu ao lado do prefeito. Aliás, só fora eleito por viver grudado ao prefeito, mas, sua gestão mereceu total reprovação por nada ter feito. Comentava-se à boca pequena que, sabedor (de) que nas próximas eleições iria levar a bucha\*, planejava picar a mula\* para o Brás, na capital, onde montaria um negócio e, pouco honesto que era, iria dar rodo num punhado de gente inocente. O Prefeito, ciente de que não era o alvo das reclamações, acenava para o povo e dava início à cerimônia. Pôs-se a falar dos avanços de sua gestão, e o Coreto era um pequeno exemplo do seu bom trabalho. Bla, bla, bla, até que Jandira, transfigurada na fera que era, educadamente deu-lhe um corte e aproveitou para falar poucas e boas ao intruso Arnesto que, sem cerimônia, saiu de cena com dois quentes e três fervendo\*. Finalmente a palavra estava com o grande astro, o maestro,

o criador da obra. Nonno desenrolou uma lauda de meio metro e, porca miséria\*, deixou todo mundo irrequieto. Mamma mia! O que será que ele queria? D.J. (Dona Jandira), com a tesoura na mão, prestava muita atenção. Não foi preciso agir porque o maestro, muito emocionado, com a voz embargada, apenas conseguiu ler um pequeno trecho de agradecimento a todos e a disparar sem parar “grazie mille, mille grazie, mille, mille, grazie, grazie, prego,.....”. Não teve jeito, precisou ser cortado ou o espetáculo restaria arruinado. Em seguida, misturada a latidos de cães, gritos, aplausos e o som do realejo alojado nas cercanias, com dificuldade, após ameaçar o povo de uma excomunhão coletiva, il prete Dom Anacleto Pietro (O Bom) conseguiu pouco falar. Enalteceu ao prefeito pelo feito e aproveitou o ensejo para falar das missas aos domingos e .... Foi interrompido pelos sinos da igreja que, com a pontualidade do Big Ben, badalavam seis horas, hora em que o coral colocado junto ao coreto entoasse a “Ave Maria”. Única apresentação do coral naquele dia, mas suficiente, emocionante. Pronto, o coreto estava inaugurado. Nenhum outro convidado usaria pedir a palavra, porque o que o povo queria mesmo era música e não conversa mole, ouvida todo dia na praça, nas ruas, no mercado, na freguesia. Convidados, na plateia também estavam palhaços e malabaristas do Circo Alegria, ainda em fase de levantamento da lona.

E o coreto tremia com as músicas da programação. Músicas italianas para uma plateia numerosa de “oriundi”. Músicas sertanejas também, dada a presença de violeiros, um grande presente para os manguacenses, ou manguaceiros como eram pejorativamente chamados. Pena que essa

minha pena não reproduza os sons (imagine se puder): [volare pensando “che un sogno cosi, non ritorni mai più”]; ballando bellissime tarantelle como Funiculi, Funicula; guardando il “luar do sertão”; cantando como se louvasse o “menino na porteira”, portinaio così lontano, lontano da te, quanto lontano andrà il tuo pensiero; gira il mondo, gira, nello spazio senza fine, cantava Dona Ema.

Uma hora e meia de boas músicas sem interrupção, grande parte graças ao Nihonjin Y-irio, presente com todos os seus equipamentos de sopro, um sopro de alívio em alguns momentos difíceis. Exausto, o Sereno ameaçava cair, Nihonjin o substituiu com seu trompete. Setuba dava sinais de cansaço, Y-irio entrava com sua tuba. Só não substituiu o maestro quando este sentia câimbra (ou câimbra) na mão da batuta, ocasiões em que a dupla Manga e Mengo se fazia presente e, numa dessas vaciladas, entrou em cena e interpretou com maestria a “Cio da Terra”, dirigida aos canavieiros da região: “... Decepar a cana / Recolher a garapa da cana / Roubar da cana a doçura do mel / Se lambuzar de mel...”.

O show não podia, mas tinha que parar porque a noite avançava, e o seu final se deu com chave-de-ouro quando, usando um vistoso chapéu de couro, o peão Molina, de Andradina, casado com a pequena Rosina, subiu as escadas do coreto tocando um berrante. Senha para a dupla de viola tocar o famoso “Boiadeiro Errante”: “Eu venho vindo de uma querência distante / Sou um boiadeiro errante / Que ... (o povo todo seguiu porque quem canta seus males espanta).

Com certeza, algo nunca antes visto em Manguá.”

(\* do Glossário Monte-Sionês, do Ivan)

Ciao.

## ESTRELAS NA PALMA DA MÃO

JAIME GOTTARDELLO

*Vejo de noite no céu  
Uma estrelinha brilhando, brilhando  
Mãe diz que ela, de longe, pisca-pisca me chamando  
Quando eu crescer e comprar um avião  
Vou te buscar, estrelinha  
Na palma da minha mão*

Este foi o primeiro poema que me lembro e me foi ensinado pela minha mãe, bem antes de “bata-tinha quando nasce...”

Cresci e não compreendi um avião. Mas aprendi a cultivar o gosto por poemas. Não importa se versos livres ou ode ou soneto. O que fica é o assombro que nos causa quando cai o véu e a gente se sente pleno pelo conteúdo até então apenas sentido pelo autor. É a valorização de experiências não materiais que nos impulsiona a desvendar um mistério que revele a essência do poema.

Um poema pode ser belo como uma simplicidade cotidiana, desde a dor que nos molda até o ato singular de limpar o chão, até a harmonia entre o voo de um bando de passarinhos e a queda de uma árvore, ou o eco de um rio que restou. Ou a

lembrança do sorriso de um amor que ficou distante no tempo.

Não consegui buscar aquela estrelinha, mas tantas outras couberam na palma da minha mão. Algumas carinhosas como beijo de mãe, outras reconfortantes como abraço de pai, outras ainda as tive como cúmplices de grandes amigos que trocam segredos. E como grandes amores, guardo todas elas *ad aeternum*.

Se eu pudesse estender a mão e segurar uma estrelinha cada vez que todos eles ao longo da vida me fizeram sorrir, todo o céu noturno estaria na palma da minha mão. E, se me restasse mais tempo, recitaria novamente aquele poema como a minha mãe me ensinou, e recomeçaria tudo de novo, como um ciclo contínuo de aprendizado e renovação.

## A ARTE

A Ar-te faz vas-ca  
Rasa caso acaso  
Num compasso pó  
Meças passo a passo por teu Marte  
Ar

A Ar-te plena  
Caso rompas entre-  
Tantos fundos  
Tantos cumes  
Tantos voos  
Fures ín-fi-mos la-bi-rin-tos: Dédalo Ícaro  
Ar

A Art-te-rana-rana  
Traz tanto chocho choro  
Pífio riso  
Denso credo: “Credo!...”  
Amargo fel: “Taturana Rata Resvala-me: iiiissss!...”  
Sendo Kitsch  
Teu Ar

A Ar-te paira brincos:  
Leves pingos  
Rubro Kirsche  
Luz que apaga e acende nasce e morre Topo Kailash  
Sendo intenso SHIVA  
Teu AR:  
Ahh... Meu AARR!...

(da obra *Um Ponto Azul, poemas, 2024, José Alaercio Zamuner*)

José Alaercio Zamuner

## À DERIVA

*in memoriam:*  
Fátima Regina Ferrara  
Borges da Silveira

Minh'alma  
vasta e erma  
habita  
meus personagens

Distantes ancestrais  
voltam e povoam  
os cômodos vazios  
da casa

Até que  
noite adentro  
a saudade continue  
seu ritmo visceral

à deriva  
amanheço

Popo de São

## AS SEIS LIÇÕES DE ARISTÓTELES PARA SE ALCANÇAR A FELICIDADE

**DANILO ZUCATO  
ROBERT**

1) Pratique as boas virtudes: pelo exercício das virtudes, educamos nossos instintos e nos tornamos senhores de nossas próprias energias e ações. Várias das virtudes nos ajudam a viver e conviver bem, como paciência, temperança, parcimônia, etc. Raramente teremos um dia com 100% de nossas ações sendo virtuosas. Porém, o importante é não deixar a prática das virtudes de lado e procurar aumentá-las no dia seguinte. É como treinar um esporte ou exercícios de matemática: só com a prática melhoramos.

2) Tenha amigos verdadeiros: existe a amizade baseada na utilidade ou interesse, a amizade basea-

da no prazer e a amizade baseada na virtude. Para Aristóteles, esta última é a única amizade verdadeira. Aparentemente cada vez mais difícil de se conseguir, porém, não impossível, e com certeza não em grande quantidade.

3) Busque ter boa saúde: a saúde é a condição da felicidade. Sem saúde, a felicidade nos foge, segundo o filósofo. A prática do meio-termo como norteador de nossas ações nos faz não comer ou beber ou exercitar ou repousar em excesso, e com isso preservamos mais nosso corpo e mente.

4) Seja autossuficiente: o sábio precisa de bens materiais, mas só os indispensáveis para viver, pois o excesso de bens corrompe a mente. Exercício di-

fícil de se praticar numa época de culto ao consumo exacerbado.

5) Viva numa sociedade justa: essa condição é absolutamente necessária para que sejamos felizes, porém, ela foge muito do nosso controle. O que podemos fazer neste sentido é tentar tornar a sociedade mais justa através de 'micro-atos', ou seja, ações que ninguém vê ou dá valor, mas ajudam na construção de uma sociedade mais justa, ou ainda nos 'macro-atos', que são os atos de liderança, se tornando político ou participante de grupos culturais e beneficentes da sociedade.

6) Medite filosoficamente: esse é o supremo nível da felicidade, pois nele contemplamos as verdades imutáveis. Aqui

descobrimos o que é passageiro e fútil e o que é permanente e importante.

Para Aristóteles, a felicidade é o objetivo final da vida e deve ser um estado duradouro e completo de realização e satisfação em todas as áreas da vida. Ela é alcançada pelo equilíbrio entre virtudes intelectuais e virtudes éticas. Felicidade é um processo contínuo de aperfeiçoamento e crescimento pessoal.

É claro que as reflexões acima sobre as seis lições aristotélicas não esgotam o tema. Meu propósito era difundir, mais uma vez, um pensamento filosófico que para muitos está "escondido" na dificuldade de se mergulhar na filosofia, ou ao menos se molhar os pés em suas águas.

## MONTE SÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

### ESTÁ ENTUPIDA DE DIAMANTES

### PASCOAL ANDRETA

O Leopoldino Folheiro é um sujeito bom, cem por cento, legal à beça, como diria o Acácio da Sônia, outro sujeito bom, cem por cento, legal à beça.

Conheço o Leopoldino desde os tempos das bodocadas certas nos beme-vis da capoeirinha do Gumercindo, plantada bem no fundo dos quintais das últimas casas da rua Direita, das arapucas traiçoeiras armadas no alto do Tijuco Preto e dos coelhos assustados, fugindo de nossas pedradas pelas taboas dos brejais, que nossa fantasia de caçador transformava em alagados do continente africano. Na encruzilhada do tempo nos separamos e seguimos caminhos diferentes.

Hoje, como há um mundo de anos passados, o Leopoldino vive da arte de colocar calhas nos telhados dos outros. Mas, até hoje, não conseguiu uma calha – mesmo que remendada, formada de sobras de tantas calhas soldadas – para sua própria casa, construí-

da Deus sabe lá à custa de quantas mil marteladas e soldaduras.

Mas o Leopoldino não nasceu pra folheiro, pra viver ganhando o pão no calor do maçarico. Nasceu pra ser livre, pra viver ao calor do sol, explorando o leito dos rios, as encostas dos morros, os picos das montanhas, o mistério do subsolo.

À tardinha, depois de um dia consumido em cortes, em ajustes de cortes e de toda uma enfiada de tarefas complementares nas calhas que assenta, o Leopoldino corre o município segurando os quadris cansados e doídos, castigados pela posição incômoda que o ofício os sujeita. Seus feriados e dias santos são todos celebrados em andanças por terrenos pedregosos e fundos de rios ainda não convenientemente explorados. Mas o sonho do Leopoldino é descobrir a caverna do Morro Pelado.

Sabendo disso, um dia desses não resisti à curiosidade nascida do muito que falam dele como conhecedor das grotas, solapas

e esconderijos do Pelado. Fui vê-lo:

– Tudo bem?  
– Tudo bem!

Fiquei aí um tempão, desconversando, porque o Leopoldino não gosta de falar dessa sua mania de explorador. Depois de uns rodeios e de umas perguntas bobas, entrei no assunto principal:

– Leopoldino, conte-me do Morro Pelado, de sua caverna misteriosa e do que você realmente procura em suas caminhadas. Estou ralando de curiosidade e você não vai me esconder nada, não é, seu caçador de bodoque!

Ele deve ter-se lembrado dos beme-vis da capoeirinha, das arapucas do Tijuco Preto e dos coelhos apedrejados pelas Áfricas do faz-de-conta. Permaneceu em silêncio, assobiando baixinho. Depois se decidiu:

– Pra você eu conto, mas não espalhe não!

Descansou a tesoura de cortar folha numa cadeira, sentou-se meio de banda na bancada de peroba e fez um ar de riso meio brinca-

do, meio malandro e que tem deixado meio mundo sem saber se deve ou não acreditar naquilo que ele está contando.

– Certa vez – começou –, eu andava lá pras bandas dos Souzas, procurando o que sempre procuro, sem saber bem o que estou procurando, quando dei de cara com um velhinho de barbas inteiramente brancas, apoiado num bordão de perobinha, arrastando umas sandálias esquisitas, com tiras de couro enroladas até os joelhos e com uma blusa de couro sem mangas, bastante gasta pelo uso. Olhei pra ele muito admirado e ele olhou pra mim com um sorriso manso, de santo de altar, de cristão de outras eras, de profeta reencarnado. Parou no meio da estrada, apoiou o queixo na mão que segurava o bordão, fixou a vista num ponto perdido do horizonte e me falou, sem que eu nada perguntasse:

– O que você procura não está deste lado.

Nesta altura, o Leopoldino me deu uma olhada de lado, mas continuou:

– Perguntei-lhe: e o que é que eu procuro?

Parou uns segundos, passou a mão no martelo e deu umas batidas na bancada de peroba, martelando, talvez, suas próprias recordações. Continuou:

– O velho respondeu-me com a mesma tonalidade de voz calma, macia, profética:

– Se você não procura, devia procurar a caverna misteriosa do Morro Pelado.

O Leopoldino coçou o queixo, como é de seu costume, encarou-me para descobrir em mim traços de dúvida ou de zombaria. Permaneci firme, atento, sem alterar a fisionomia pra não desencorajar o antigo companheiro de caçadas. Também não discuti o caso. Não quis saber se ele me contava uma realidade ou um sonho, uma alucinação. Simplesmente calei.

Sem se livrar do sorriso, o Leopoldino continuou:

– Perguntei ao velho: e por que devo procurar a caverna do Morro Pelado?

Renovou as batidas na bancada, em repiques de

sino, agora com mais força. Acentuou ainda mais seu sorriso matreiro. De repente, ficou sério, parou as marteladas e me confessou:

– A resposta do velhinho veio como um tiro:

– Porque ela está entupida de diamantes.

Esperou que eu respirasse ou que lhe dissesse qualquer coisa, mesmo que fosse uma palavra de dúvida. Enquanto esperava, voltou a martelar a bancada. Como eu nada disse, voltou a falar:

– Fiquei atordoado, besta, sem fala!

E arrematou seu caso, com a maior naturalidade:

– O velhinho de sorriso manso, sem dizer adeus, veio vindo pros lados de Monte São. Sentei-me num cupim, na beira da estrada, até passar o aturimento. Abandonei o caminho dos Souzas e rumei também pra Monte São. Apressei o passo. Quase corri. Queria mais algumas palavras daquele homem estranho. Mas o velhinho havia desaparecido...

## EXPEDIENTE

**ENTIDADE MANTENEDORA:** Fundação Cultural Pascoal Andreta

**Fundador** – Antonio Marcello da Silva

**Diretores** – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

**Conselho Administrativo** – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

**Diagramação** – Matheus Zucato Robert

**Fotografia** – José Cláudio Faraco

**Direção financeira** – Charles Cétolo

**Secretário de Redação** – José Carlos Grossi

**Jornalista responsável** – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

**Colaboradores** – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genchini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

**Redação:** Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte São fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte São.

**jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br**

### JOSÉ CARLOS GROSSI

Tantos fui, divididos, preenchendo meus espaços, de fracassos e delírios. O perna-de-pau do futebol de domingo, o bêbado de vinhos e canções, o enamorado da deusa do jardim, um que galopava o cavalo baio de crinas de fogo e relinchando raios pelas lonjuras dos confins e mais outro, de muitos outros, de tantos outros que me esqueci...

## VINHOS

Mas o tempo, este senhor das lamúrias, levou-me um sem mais nem porquês. O outro que se cansou de derrotas e vigílias, e se despediu aquele que colhia estrelas nos pomares de lua. Mais o outro que se vestia da fantasia dos carnavais. Aquele que se acostumou a não chorar pelos mortos...

E de tantos, que eram tantos, não sobrou nenhum para me fazer companhia nos infortúnios de

sábado.

Então as noites se aprofundaram escuras e os dias me atormentaram sem ternura.

Contudo o tempo, este senhor absoluto do destino das coisas, ao tirarme todos deixou-me um, apenas eu, apenas um. Único e sobrenatural...

Que se encanta de versos ao descrever desastinos, fantasias e desilusões, nostalgias e branduras, lonjuras, saudades e vinhos.



**CASA DAS MASSAS**  
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte São - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

**dynamise**  
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte São | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Julho de 2024

Nº 625

# ÚLTIMOTREM

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### Agosto de 2024

Dia 01 Átyla Canela Bueno Selma Rodrigues Coelho Anderson Labegalini, Rodrigo Comune Faria	Dia 20 Nilza Labegalini Ferreira Cláudia Faraco Faria Marlene Simões Comune
Dia 02 Fernando da Costa Aparecida Eliza A Faria Bruno Forte Gottardello Manoel Cordeiro da Costa	Dia 21 Matheus Augusto C. de Souza Josefina de Souza
Dia 03 Nemésio Lúcio Fávero Adriana A. Lopes Mussi Isabel Bernardi Guarini	Dia 22 Vera Lúcia de Castro Zucato Noêmia Comune Tatiana Caetano Monteiro Vilma Gomes da Silva Eder Faustino Bueno Lucas de Souza Moraes
Dia 04 Érica Aparecida Moraes	Dia 23 Luiz Righete
Dia 05 Renato Jacomassi	Dia 24 Marcele de Mello Figueiredo Cibeli Labegalini Adriano Brandão Gustavo Humberto Monteiro Regina Esterlina Benatti Leandro Ap. da Costa
Dia 06 Camelina Brischillari Labegalini Elaine Cristina M. da Costa	Dia 25 Juliano Righete André de Paula Martins Gema Aparecida Grossi
Dia 7 Diély Fernandes Veridiano,	Dia 26 Kárin Tavares Odinino
Dia 08 Avelino Borges de Queiróz Filho Fabrício Labegalini Alessandra Pedroso	Dia 27 Josiane de Freitas Débora Odinino
Dia 09 Iranieli Souza Ribeiro Marco Antonio de Souza Nelson Alves de Souza	Dia 28 Camila B. Castro Bueno Mário Francisco Renção Ruth Comune Bernardi Rafael Guarini Flávio Evangelista Toledo
Dia 10 Maria Elenice Zucato	Dia 29 Túlio Luiz Couto Odinino Iramaia Camargo Labegalini Benedita Sônia Zucato Cétole José Carlos P. de Lima Dorvalina Labegalini Cétole
Dia 11 Glória Nilza Cyrne Beltrame Edmilson Comune Virgílio Cláudia A. Almeida Benatti,	Dia 30 Ary S. A. Mota Heloísa Correa Genghini Adriano Canela Inês Pedroso Ortoloni
Dia 12 Alice Pereira Alves	Dia 31 Marli Comparim Samuel Almeida Vieira Sabrina Tavares Silva Cristiano Comparim Maria Helena Vieira Maria do Carmo Andreta
Dia 13 Valtair Augusto (Godinho) Mariane Aparecida Cezar	Dia 31 Alini Caixeta Vieira Ribeiro Isabelli Bueno Pennacchi
Dia 14 Amilton de Godoi Bueno Felipe C. Pereira Grossi Caroline L. Gottardello Maurício Zucato Júnior	
Dia 15 Laila Zancheta Mantovani	
Dia 16 Nicole Andressa Canibal Jorge Luiz de Castro Ribeiro	
Dia 17 Evilyn Danieli Lino Mara Cristina Dias Almeida Gabriel Delgado G. Pepe Benedita Aurora Labegalini Maria Adriana de Moraes Rita Nancy Bernardi, Terezinha Comuni Guireli	
Dia 18 Marilda A S. D. Fernandes Maria Donizete de Moraes	
Dia 19 Danilo Odinino Luciene Lino dos Santos Carolina Bernardi Andrade	

A todos, as felicitações da Redação!

### ESPAÇO CUOLTURAL “IVAN MARIANO SILVA” RECEBE VISITAS ILUSTRES

Neste 09 de julho de 2024, o Espaço Cultural “Ivan Mariano Silva”, no saguão da Câmara Municipal de Monte Sião, recebeu as visitas das professoras, de São Paulo, Elizete Fagundes Montalvão, professora universitária da UNIP e diretora de Escola da Rede Estadual e professora Ivy Jundensnaider, doutora em Economia pela Unicamp e professora na UNIP e em outras Instituições de Ensino em São Paulo. Agradecemos pelas visitas e pelos comentários afetuosos e úteis que nos fizeram. Venham sempre, a casa é de vocês!

### 10ª GENGHINADA OU X ENCONTRO DA FAMÍLIA GENGHINI

Mais uma vez a família Genghini, antigos imigrantes italianos oriundos de Monte Colombo, na região de Rimini, na Emilia Romagna, se reuniram para o 10º Encontro anual, a fim de se reverem e de reforçar os laços de família. Buona salute anche buona fortuna a tutti quanti!

### VIDA DE NONNO!

Não tem coisa mais rica e feliz para uma nonna e um nonno do que ver os netos crescendo e tomando contato com os mistérios e os milagres da vida, as descobertas e até os sustos! Helena e Cecília, vocês são a alegria dos nonni, no sítio Santa Bárbara!

### ACIDENTES NAS ESTRADAS DA REGIÃO... AUMENTO ABSURDO!

Que será que está acontecendo? Só ouvir as rádios de ouro Fino, Jacutinga ou Monte Sião para saber a quantidade de acidentes nas rodovias da região e as vidas ceifadas. Não adianta culpar ninguém, mas aparentemente os motoristas estão carecendo de mais treinamento, mais responsabilidade de rezar mais por proteção. Parece que, além de tudo, tem gente abusando da “mardita” e pegando no volante, colocando em risco a si próprios a àqueles que não tem nada com isso! “Carma pessoal!”

### BAITA FESTIVAL DE MODA DE VIOLA EM OURO FINO!

Já tradicional na vizinha cidade de Ouro Fino e com participação intensa de violeiros e

duplas de muito longe, no início de julho a cidade, por intermédio da Rádio Difusora de Ouro Fino” realizou mais um festival da música sertaneja ou regional. É isso aí, pessoal, dá trabalho, mas vale a pena! Fez lembrar a Difusora de Monte Sião, dos anos 60/70.

### TREVO “JOÃO DA BORDA”

O trevo ainda em construção, cuja denominação homenageará o antigo contador e político de Monte Sião, o saudoso João da Borda, está localizado numa área complexa e difícil. Não é por nada não, mas é bom que os projetistas e engenheiros sejam muito bons para minimizar o potencial catastrófico que o local representa. Não mãos dos homens, sob a proteção Divina!

### PEDÁGIO, AINDA...

Amarga a boca e dói no bolso cada vez que temos que passar lá nos Paulini e deixar R\$9,20 para andar 20 km numa estrada irregular e remendada. A opção é dar uma volta de uns 6 km em estrada de terra e ir deixando pedaços do carro pelo caminho. Haja!

## Fragmentos - 38

### ARIOVALDO GUIRELI

1 - Saber escrever neste país é raridade. E mais ainda, saber ser sensível é querer ser feliz, se identificar e ter os olhos marejados todas as vezes que lermos poesias. Os escritos para muitos são páginas e páginas. Mas, para Adélia Prado as palavras são textualizadas ao contexto do nosso tempo sem se fazer pretexto. Adélia jamais se alimentou do que dela disseram. E muitos disseram que ela é a mais importante poeta desse país. Posso ouvir o compadre Paulo, lá de cima, dizer:- Grande merda! O mais importante, cremos, é ter o significado da palavra no signo das promessas que se enovelam em perguntas e dúvidas registradas em cada poema renascido. Adélia escreveu:- Bagagem; O coração disparado; Terra de Santa Cruz; O Pelicano; A faca no peito; Oráculos de Maio... nasceu dia 13 de dezembro de 1935 em Divinópolis/MG. Mãe de cinco filhos.

2 - “Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casas, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos – dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou. ( In – Com licença poética – Adélia Prado ).

3 - Possivelmente uma das características mais significativas e definidoras do humano esteja relacionada à contemplação como busca do sentido. A cada tempo precisamos nos refazer e buscar novos hábitos!

4 - “Minha mãe achava es-tudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo: Coitado, até essa hora no serviço pesado. Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou em amor. Essa palavra de luxo” (In – Ensino – Adélia Prado).

5 - Parece que ficamos além de cegos também surdos. Pois, na cidade dos surdos você fala em flores, eles entendem feras; fala em amar, eles entendem armar; fala em cultura, eles entendem censura...

6 - Leiam: De Marçal Aquino – Famílias terrivelmente felizes – Editora Coscanify.

7 - Este fragmento foi inteiramente dedicado ao poeta Petrônio Monteiro.

8 - Beijos gerais.

**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE  
(35) 3465-1635  
3465-4404  
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**  
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP  
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.  
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA  
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do  
Circuito das Águas Paulista  
**TELESON** TELECOM  
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**  
Bioquímico: Ferdinando Righetto  
● Teste do Pezinho ampliado  
● Credenciamento com os Laboratórios:  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)  
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na  
**Loja do Plácido**  
A mais antiga da cidade - Desde 1922  
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO  
Rua Presidente Tancredo Neves, 194  
Fone: 3465-1144

**Sebo do Ismael**  
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,  
Aparelhos eletrônicos, Antiquário  
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP  
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180